

Carolina Maria Mota-Santos

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

(Belo Horizonte, MG, Brasil)

cmmotasantos@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8830-8170>

Alcinéia Parreiras de Azevêdo

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

(Belo Horizonte, MG, Brasil)

alcineiaparreiras@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7092-6579>

Érica Lima-Souza

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

(Belo Horizonte, MG, Brasil)

ericacrislima@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7807-7193>

A Mulher em Tripla Jornada: Discussão Sobre a Divisão das Tarefas em Relação ao Companheiro

The Woman on a Triple Burden of Work: Discussion About the Division of Tasks in Relation to Her Partner

RESUMO

O objetivo desse trabalho foi compreender a atual situação da mulher: casada, mãe, estudante e profissional em relação aos aspectos pessoais e profissionais; e como se dá a divisão de tarefas do lar e cuidados com os filhos em relação ao companheiro. A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada com 19 mulheres na faixa de 21 a 60 anos. As contribuições desse trabalho estão em avançar na discussão sobre os desafios da mulher contemporânea que, além de ter as demandas do lar, trabalha e estuda. Foi possível observar que a relação da mulher com o trabalho e o lar ainda é marcada por questões culturais relacionadas ao gênero e reforçadas por elas mesmas, que se sentem mais responsáveis pelos cuidados com os filhos e pelas tarefas domésticas que os companheiros e relativizam, e até enaltecem, qualquer participação deles nestas atividades.

Palavras-Chave: tripla jornada de trabalho; divisão de tarefas do lar; estresse; gênero; mulher.

ABSTRACT

The goal of this study was to understand the current situation of women: wife, mother, student and professional about personal and professional aspects; and how the division of household tasks and care of the children towards the companion takes place. This qualitative research was performed with 19 women in the age range of 21 to 60 years. The contributions of this work are towards the advance in the discussion on the challenges of the contemporary woman who besides having the demands of the household, also works and studies. It was possible to observe that the relation of women to work and home is still marked by gender-related and self-reinforcing cultural issues. They feel more responsible for childcare and household chores than peers and relativize, and even extol, any participation of them in these activities.

Keywords: triple burden of work; division of household tasks; stress; gender; women.

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Endereço

Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras

29.075-910, Vitória-ES

gestaoeconexoes@gmail.com

gestaoeconexoes@ccje.ufes.br

<http://www.periodicos.ufes.br/ppgadm>

Coordenação

Programa de Pós-Graduação em

Administração (PPGADM/CCJE/UFES)

Artigo

Recebido em: 26/02/2021

Aceito em: 09/07/2021

Publicado em: 06/08/2021

Introdução

O papel da mulher na sociedade vem se configurando ao longo dos séculos, moldado pelo contexto histórico de cada época. De símbolo do pecado a ser angelical, o ideal feminino se altera conforme as conjunturas vigentes (Badinter, 2011; Resende, 2017). No entanto, ainda que condicionado às necessidades temporais, a construção do papel feminino ocasiona mudanças nas normas sociais. À medida que o papel social da mulher vai se modificando, reconfiguram-se também as condutas sociais, tratando-se, então, de um movimento contínuo, mas não necessariamente ascendente. Ou seja, as “conquistas” das mulheres podem não representar de fato um avanço (Resende, 2017).

Se antes, a mulher (de classe média alta, uma vez que a mulher de classe baixa brasileira sempre trabalhou) deveria se dedicar exclusivamente ao lar e aos cuidados com os filhos, hoje ela também trabalha fora e estuda (Perrelli & Tonelli, 2017). Contudo, ainda carrega a responsabilidade de cuidar da casa (Pirrolas & Correia, 2020). Ela é quem exerce a maior parte das atividades domésticas, precisando conciliar com as demais atividades que desenvolve, a chamada tripla jornada de trabalho (Almeida & Santos, 2018; IBGE, 2019). Falar de tripla jornada é importante não só por ser um tema atual, é importante também devido ao progresso tecnológico, as alterações socioeconômicas, as desigualdades sociais que originaram alterações nas organizações familiares, à entrada da mulher no mercado mais permanente e com isso a necessidade de formação a longo prazo. Falar de tripla jornada é avançar numa discussão onde existe a necessidade de garantir os direitos de cidadania, bem-estar e desenvolvimento profissional e pessoal das mulheres (Pirrolas & Correia, 2020).

O acúmulo de atividades tem provocado adoecimentos emocionais e físicos nas mulheres (Lima et al., 2013). No caso das que recebem retornos financeiros mais altos, algumas estratégias começam a aparecer. Elas parecem buscar alternativas, por exemplo, através da participação no orçamento familiar. Estudos com mulheres em cargo público e privado sugerem que uma maior contribuição nas despesas da casa pode fazer com que as mulheres negociem uma menor participação nas tarefas do lar (Mota-Santos et al., 2019).

Todavia, por mais que transformações venham ocorrendo na família contemporânea, a diferença de papéis para homens e mulheres ainda é uma realidade (Perrelli & Tonelli, 2017). Por exemplo, ainda existe a crença de que a relação mãe/filho é mais importante que a pai/filho, o que faz com que as mulheres se sintam responsáveis e assumam mais os cuidados relacionados aos filhos (Grossi, 2007).

Ainda assim, por conta das modificações nas famílias, sociedade e no papel da mulher propriamente dito, não se pode negar que já não há mais somente um modelo a ser seguido pelas mulheres, tampouco se pode determinar o lugar delas ou deles seja na família ou na sociedade (Mansour & Tremblay, 2016). Sendo assim, a presente pesquisa deseja compreender a atual situação da mulher: casada, mãe, estudante e profissional em relação aos aspectos pessoais e profissionais; e como se dá a divisão de tarefas do lar e cuidados com os filhos em relação ao companheiro.

Importante ressaltar que, apesar deste estudo não aprofundar em uma discussão relacionada à interseccionalidade - que trata da forma pela qual

patriarcado, racismo, opressão de classe criam desigualdades que estruturam as posições relativas de mulheres (Crenshaw, 2002); a pesquisa trata de uma realidade de mulheres de classe média baixa à classe média alta. Sendo assim, não se pode ignorar outras categorias que afetam as experiências vivenciadas por elas. É importante ter um olhar múltiplo para as diversidades existentes e as formas de opressão que se colocam como sobrepostas à opressão de gênero, tais como recorte de raça e classe.

Em uma pesquisa sobre o estresse no ambiente de trabalho, as mulheres negras, por exemplo, deparam-se com a mesma estrutura que as brancas, mas enfrentam o sexismo e racismo como fatores estressores na contratação e promoção; na defesa da raça e orientação; na mobilidade hierárquica, vivenciando a discriminação, o isolamento e a exclusão (Hall, Everelt, & Hamilton-Mason, 2012).

Para identificar publicações sobre este tema e subsidiar este trabalho, foi realizada ampla pesquisa na área da Administração e da Psicologia. Na área da Administração a pesquisa ocorreu no *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL) e no site do principal evento da área da Administração – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), e na área da Psicologia no portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Especificamente em relação aos estudos relacionados à área da Administração, apenas um artigo que trata a temática da tripla jornada foi encontrado no SPELL e um artigo semelhante, das mesmas autoras, encontrado no site da ANPAD.

Apenas Vieira e Amaral, (2013) e Amaral e Vieira, (2009) trazem uma correlação aos objetivos deste trabalho. O artigo analisou como as mulheres submetidas a essa tripla jornada de trabalho lidam com as pressões advindas da busca de conciliação dessas atividades e coloca como necessidade de avanço da literatura e pesquisas futuras a importância de se estudar outras variáveis como classes sociais, idade das mulheres e idade dos filhos. Logo, este trabalho avança ao buscar compreender a atual situação da mulher: casada, mãe, estudante e profissional em relação aos aspectos pessoais e profissionais; e como se dá a divisão de tarefas do lar e cuidados com os filhos em relação ao companheiro, também tratando das variáveis acima citadas tais como, idade das mulheres e dos seus filhos.

Papeis bem demarcados – para homens e para mulheres.

Até o século XVII, por herança do cristianismo primitivo, a imagem da mulher era associada à carnalidade e imoralidade sexual, ao pecado bíblico de Eva, sendo necessária uma redenção da mulher perante à sociedade por meio de comportamentos submissos, quase angelicais (Bastos & Oliveira, 2017; Richards, 1993). Durante os séculos XVIII e XIX, em meio à construção do modelo familiar burguês, a mulher despertou o interesse da classe médica. A preocupação com a mortalidade infantil e com a boa formação física e moral das crianças levou a medicina ocidental a apontar a importância da relação mãe e filho (Poster; 1979). A mulher passa a ser considerada privilegiada, pois não seria possível delegar a função de protetora da família a uma figura tão menosprezada, daí a preocupação em valorizar o feminino (Badinter, 2011; Resende, 2017).

A origem do termo “dona de casa” está ligada ao processo de industrialização e ao capitalismo que dividiram a sociedade ocidental em dois espaços: privado, atribuído às mulheres; e público ou coletivo, aos homens (Bruschini, 2007; Hirata &

Kergoat, 2007). Foram designados papéis específicos aos homens e mulheres. O argumento para destinar as mulheres ao espaço privado (doméstico) foi a própria natureza feminina e suas especificidades (gravidez, amamentação...). O cuidado com os filhos era uma tarefa exclusiva das mulheres (Bruschini, 2007; Hirata & Kergoat, 2007). Elas eram preparadas para serem mães/esposas e eram valorizadas se exercidas bem esses papéis.

No entanto, esse movimento de limitar a participação feminina ao universo privado se deparou com um dilema: a ordem burguesa nascia com um discurso liberal e de igualdade de direitos. Só que para atingir o modelo ideal feminino, de esposa e mãe exemplar, a mulher precisaria de uma dedicação exclusiva à família. A resolução do impasse se deu pela afirmação categórica da diferença sexual e cultural entre homens e mulheres (Laqueur, 1989). Nesse momento, emergiu a ideia do instinto materno e a vinculação entre mulher e maternidade (Badinter, 2011; Resende, 2017).

Para redirecionar o papel da mulher na família e na sociedade, constata-se uma nova forma de pensar a diferença entre os sexos e ao mesmo tempo outra concepção sobre a mulher. A imagem do sexo feminino passa a ser ressaltado pela medicina como sexualmente perfeito, com a valorização do útero e da vocação feminina à maternidade. Começa a prevalecer a ideia de uma diversidade biológica entre homens e mulheres que justificasse inserções sociais diferentes (Laqueur, 1989; Poster, 1979; Resende, 2017).

Para não haver conflito com os ideais igualitários emergentes à época, as mulheres não eram mais consideradas inferiores e imperfeitas, mas perfeitas em suas especificidades. Cheias de características físicas e morais - fragilidade, doçura, afetividade, sensibilidade - que as limitava às funções doméstica e materna. Diferente dos homens que seriam mais aptos à vida pública, ao trabalho e atividades intelectuais (Badinter, 2011; Pereira & Lima, 2017).

No entanto, as relações entre homens e mulheres vêm se modificando ao longo da história e estão diretamente ligadas às relações sociais como um todo (Resende, 2017). Durante o século XX, movimentos sociais, em especial o movimento feminista, passaram a questionar essa rígida e desigual divisão de trabalho entre homens e mulheres. O debate aflorou para ações com foco na transformação do papel da mulher na política, economia, família e demais setores na sociedade (Bruschini, 2007).

Bruschini, (2007) aponta que, com o crescimento das mulheres no mercado de trabalho a partir da década de 1970, houve transformações no modo de organização do trabalho. A autora destaca também, no que diz respeito às transformações e permanências, que a mulher continuou com as atividades domésticas sob sua responsabilidade, resultando em sobrecarga de trabalho.

Na década de 1970, a economia brasileira enfrentava inflação e as famílias foram empobrecendo. A queda da qualidade dos serviços públicos fez a população gastar mais com as despesas básicas. Houve um aumento geral na escolaridade, principalmente das mulheres, facilitando a inserção no mercado de trabalho. Fato é que, impulsionadas por diversos fatores, desde a necessidade financeira ao desejo de desenvolver uma carreira, as mulheres saíram do ambiente doméstico para o exercício do trabalho remunerado fora do lar modificando o espaço público e abrindo possibilidades para construção de novos papéis sociais femininos (Bruschini, 2007).

A partir daí, inicia-se um complexo processo de mudança repleto de contradições em que a mulher passa a buscar o poder de realização das suas potencialidades. A inserção feminina no âmbito público provoca, então, mudanças

no casamento e na família (Powell et al., 2018; Resende, 2017; Rocha-Coutinho, 2005).

Novas configurações do lar

Essa nova mulher se descobre capaz de colaborar financeiramente ou até manter as finanças do lar, promovendo uma difusão nos papéis masculino e feminino (Mota-Santos et al., 2019). Porém, ela ainda precisa administrar bem a casa, educar os filhos e agora também ser capaz de buscar independência financeira, valorização profissional, satisfação conjugal e social. A esse novo ideal feminino se convencionou chamar “mulher contemporânea”. Essa redistribuição dos papéis masculino e feminino passa a influenciar, por consequência, as funções materna e paterna (Yavorsky, Dush, & Schoppe-Sullivan, 2015).

No entanto, a maioria dos homens parece não muito segura em estabelecer seus lugares no universo doméstico e na criação dos filhos. Eles acreditam que as mulheres realizam melhor esses papéis. Estudos apontam que as noções de paternidade e maternidade advêm de construções histórico-culturais (Freitas, Coelho, & Silva, 2007; Yavorsky et al., 2015) e sociais – entendendo a maternidade como uma característica “naturalizada”, inerente às mulheres (Carvalho et al., 2010; Perucchi & Beirão, 2007). Todavia, percebe-se uma formação cada vez mais expressiva de novos grupos familiares, a redefinição de funções dentro desses grupos e até um modelo ideal de paternidade, valorizando a participação efetiva dos pais na educação dos filhos (Borsa & Nunes, 2011; Gabriel et al., 2017; Verdi, 2007).

Pesquisas realizadas a partir da década de 1970 mostram que os pais são muito relevantes no desenvolvimento das crianças, eles, por sua vez, passaram a demonstrar mais desejo em participar da educação dos filhos (Bronstein, 1988; Silva et al., 2017). O tempo dedicado aos filhos e a concreta participação dos homens como pais têm se intensificado nas últimas décadas (Silva et al., 2017b).

Para Feiring & Lewis (1978), a maior participação feminina no mercado de trabalho e a contribuição financeira no lar, que tira o pai do lugar de único provedor, parecem impulsionar o homem a reconquistar seu espaço de outras maneiras. O envolvimento paterno seria uma delas. Embora estudos apontem que os pais têm exercido mais atividades de cuidados com os filhos (Gabriel et al., 2017; Silva et al., 2017b), a forma como os pais exercem esse cuidado é diferente das mães. Por passar menos tempo com a criança, ele dá preferência a atividades de lazer, e tais diferenças podem levar as mulheres a não reconhecerem a contribuição dos pais (Cabrera et al., 2000; Gabriel et al., 2017; Yavorsky et al., 2015) avaliam que as mães oferecem mais cuidado, proteção e conforto aos filhos, mas o pai é o responsável pela ligação da criança à sociedade.

As mulheres ainda trabalham pelo menos duas vezes mais que os homens por conta das tarefas domésticas (IBGE, 2019). Há uma tendência à responsabilização das mulheres pelo bom andamento do lar. Aos homens, cabe uma “ajuda” nos cuidados com os filhos e em algumas atividades em casa aos finais de semana (Borsa & Nunes, 2011; Mota-Santos, et al., 2019).

Esse desequilíbrio gera uma sobrecarga de trabalho e consequentemente estresse às mulheres, aumentando os conflitos e diminuindo a satisfação na relação conjugal (Lima et al., 2013; Pinho, Ferreira, & Pina, 2018; Powell et al., 2018). Estudos apontam que a dupla e/ou tripla jornadas de trabalho são causadores de adoecimento, principalmente entre as mulheres (Silva et al., 2017a; Ferreira et al., 2017; Smith et al., 2018). Se apenas os estudos podem ser causadores de estresse

(Campos et al., 2016). Conciliar vida profissional, maternidade, estudos e tarefas domésticas aumenta a carga de responsabilidade sobre as mulheres e, por consequência, elas podem apresentar adoecimentos emocionais e físicos (Berkman et al., 2015; Hatam et al., 2016, Hirt et al., 2017; Liu et al, 2015; Oliveira et al, 2017).

Apesar do compartilhamento de tarefas como educação, higiene, disciplina e sustento, as funções de alimentação e acompanhamento nas tarefas da escola ainda são de responsabilidade das mulheres, mesmo elas contribuindo financeiramente de forma equiparada ao marido no sustento do lar (Mota-Santos et al., 2019; Pereira & Lima, 2017). Esse fato resgata o ideal de família tradicional que diferenciava os papéis através do gênero (Badinter, 2011).

A concepção de família advém de vários aspectos culturais e sociais que se modificam ao longo do tempo (Pereira & Lima, 2017). Mesmo não havendo uma única definição de família, os conceitos trazidos geralmente estão relacionados ao modelo tradicional da família burguesa (Badinter, 2011; Bruschini, 2007). Apesar das mudanças ocorridas na família contemporânea, a diferença de papéis para homens e mulheres ainda é uma realidade (Perrelli & Tonelli, 2017). O rendimento econômico delas parece estar diretamente ligado à quantidade de trabalho doméstico, uma vez que a contribuição no orçamento familiar faz com que elas negociem uma menor participação nas tarefas do lar (Mota-Santos et al., 2019).

Para Grossi (2007), a maternidade e a paternidade são construções influenciadas por elementos culturais, sociais e vão sendo modificadas de acordo com as experiências cotidianas construindo as noções de parentalidade para homens e para mulheres. Hoje, não há mais um só modelo a ser seguido pelas mulheres, o destino delas agora é imprevisível e não se pode mais determinar o lugar dos homens e mulheres na sociedade e na família (Mansour & Tremblay, 2016).

Outro ponto a ser destacado é o quanto mulheres de classe mais alta conseguem contar com o apoio de uma terceirização das tarefas do lar e dos cuidados com os filhos (Carvalho et al., 2010), o que contribui para o desenvolvimento da carreira e para a disponibilidade de horários relacionados ao lazer e aos cuidados pessoais (Santos, 2012), contribuindo também para o não envolvimento dos homens nestas atividades.

A terceirização dessas funções acontece de maneira elevada, por exemplo, entre as executivas brasileiras, uma vez que no Brasil é grande a disponibilidade de mão-de-obra barata. Uma situação específica que não acontece em outros países. Mulheres executivas dos países nórdicos e dos Estados Unidos, por exemplo, não encontram com facilidade profissionais que auxiliem no trabalho das tarefas da casa (Halpern & Cheung, 2010; Moore, 2004). Talvez, por isso, a participação dos companheiros nas tarefas domésticas seja mais frequente.

Pesquisa com 48 executivas de segundo e primeiro escalão demonstra que as excessivas demandas com o trabalho e a possibilidade de contar com uma equipe de apoio fazem com que a executiva tenha um mínimo de contato com os filhos. Comentários de que a babá ou a empregada é quem vivencia o crescimento dos filhos, é quem está presente quando o filho consegue fazer uma tarefa nova, como, por exemplo, engatinhar a primeira vez, são comuns entre elas (Santos, 2012).

Por outro lado, temos o caso de mulheres de classe baixa que possuem como possibilidade de trabalho, o emprego doméstico “representando um polo precarizado de inserção das mulheres no mercado de trabalho, que viabiliza a inserção das mulheres pertencentes ao polo mais qualificado e escolarizado”. Estas mulheres

representam o segundo maior grupamento ocupacional de mulheres no Brasil (Pinheiro et al., 2019, p.39).

Esse fenômeno foi caracterizado por Bruschini e Lombardi (2000) por “bipolaridade do trabalho feminino”. Por um lado, permite a conciliação das responsabilidades e a dedicação à carreira - no caso das mulheres que terceirizam o trabalho doméstico, ou seja, aquelas de classe mais alta, e proporciona trabalho remunerado para às mulheres de classe mais baixa: “ironicamente, é no trabalho das empregadas domésticas que as profissionais frequentemente irão se apoiar para poder se dedicar à própria carreira” (Bruschini & Lombardi, 2000, p. 101). Por outro lado, tal bipolaridade contribui para manter não resolvida a falta de envolvimento dos homens no trabalho doméstico.

Metodologia

A partir do objetivo da pesquisa, adotou-se a estratégia qualitativa por permitir uma compreensão a partir da perspectiva da mulher e do significado que ela dá a cada um desses aspectos. A pesquisa aconteceu no período: início de março 2017 até julho de 2017, nas cidades de Belo Horizonte / MG; Betim / MG e Bonfim / MG.

Participaram da presente pesquisa 19 mulheres na faixa de 21 a 60 anos: casadas, mães, estudantes e profissionais. Ou seja, mulheres que vivenciam a tripla jornada de trabalho e precisam lidar com as pressões de cada jornada e com a obrigação de conciliar essas atividades.

O primeiro critério de escolha das entrevistadas foi a acessibilidade, ou seja, a facilidade de acesso às entrevistadas (Godoi & Matos, 2006). No decorrer das entrevistas, as próprias entrevistadas indicaram mulheres em situações semelhantes para que também fossem entrevistadas, e assim foi se formando o universo de amostra desta pesquisa, através do formato conhecido por “bola de neve” (Vinuto, 2016).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas a partir de um roteiro também semiestruturado dos tópicos levantados antecipadamente, tais como: atividades profissionais desenvolvidas, número de filhos, participação no orçamento familiar, divisão das tarefas domésticas, entre outros.

A construção do roteiro de entrevistas se deu a partir dos objetivos e com o propósito de responder à pergunta que orientou esta pesquisa: qual a atual situação da mulher: casada, mãe, estudante e profissional em relação aos aspectos pessoais e profissionais; e como se dá a divisão de tarefas do lar e cuidados com os filhos em relação ao companheiro?

Em relação às entrevistas, Godoi e Mattos (2006) ressaltam a importância de não haver determinação prévia de quantidade. Para os autores, com o desenvolvimento do trabalho o número poderá ou não ser ampliado. Duarte (2002) corrobora uma vez que acredita que a pesquisa qualitativa dificilmente estabelece previamente a quantidade de participantes, pois as entrevistas devem continuar enquanto estiver parecendo dados originais. Logo, o critério de saturação foi usado como forma de interrupção de novas entrevistas em virtude de os dados apresentarem certa repetição (Fontanella, Ricas, & Turato, 2008).

As entrevistas duraram cerca de 50 minutos cada uma e foram realizadas na Universidade onde essas mulheres estão cursando graduação ou pós-graduação (lato senso ou stricto senso). A gravação das entrevistas e posterior transcrição foram realizadas com a permissão das entrevistadas. A forma de identificação para análise das entrevistas foi feita assim: “Entrevistada” seguido do número

correspondente à sua entrevista. A pesquisa que originou esse artigo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de MG – CAAE: 59172916.9.0000.5137 em 2017.

Como estratégia de análise de dados, optou-se pela análise de conteúdo no intuito de realizar a interpretação literal das entrevistas, procedimento que visa analisar o material de diversas fontes utilizando categorias (Câmara, 2013; Flick, 2009; Silva & Fossá, 2015). Conforme abordado por Bardin (2002) foram adotadas as seguintes etapas de análise: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação dos dados. Na pré-análise, realizou-se a leitura atenta de todo o material, demarcando o que seria analisado. Na exploração do material, formulou-se proposições e objetivos, determinou-se indicadores para codificação e classificação e foi feita as transcrições das entrevistas.

A análise de conteúdo do tipo categorial temática permitiu encontrar 4 categorias de análise: (1) Participação dos companheiros nas atividades do lar e cuidado com os filhos; (2) O reforço da visão binária de mundo: o espaço da casa ainda como um reduto da mulher; (3) Sentimentos envolvidos: Cansaço e Culpa; (4) O financeiro como moeda de troca para a divisão das tarefas?

Análise e discussão

Os dados coletados mostram que a faixa etária das dezenove entrevistadas está entre 21 e 60 anos. A grande maioria (11) das entrevistadas possui 1 filho. Seis mulheres têm 2 filhos, uma entrevistada de 45 anos possui 3 filhos e outra de 47 anos, 4 filhos (Tabela 1).

Onze entrevistadas estão cursando a graduação (Direito; Enfermagem; Psicologia e Administração) e as demais, oito, cursam pós-graduação (duas em Pós-Graduação *Stricto Sensu* e seis em Pós-Graduação *Lato Sensu*). As profissões das entrevistadas são: cuidadora; fotógrafa; professoras de curso superior; assistente jurídica; funcionária pública; professora de educação infantil; psicólogas; administradora de empresa e consultora de RH. Os dados revelaram, portanto, que a grande maioria destas mulheres está concentrada em áreas denominadas por Pereira & Lima (2017) e Bruschini (2007) como *guetos* profissionais femininos (Tabela 1).

Sobre as questões relacionadas às identidades de raça e classe, na experiência das mulheres em tripla jornada, duas das dezenove entrevistadas são negras. Este trabalho faz parte de outra pesquisa que teve por objetivo principal entender a correlação da tripla jornada de trabalho com o estresse e adoecimento destas mulheres, portanto, não foi perguntado para as entrevistadas como elas declaravam sua condição financeira. Logo, as questões relacionadas à classe foram levantadas a partir de uma percepção das autoras em relação aos dados de profissão, escolaridade e outros aspectos ressaltados durante as entrevistas.

Tabela 1

Perfil das entrevistadas

Entrevistada	Idade	Número de filhos Idade dos filhos	Escolaridade	Profissão
Entrevistada 1	38 anos	2 filhas - 13 e 20 anos	Graduação de enfermagem em curso	Cuidadora
Entrevistada 2	29 anos	1 filho - 1 ano e 3 meses Está grávida de 8 meses	Graduação em curso	Fotógrafa
Entrevistada 3	38 anos	1 filha - 18 anos	Doutorado de Psicologia	Professora de

			Hospitalar em curso	graduação e de pós-graduação.
Entrevistada 4	39 anos	2 filhos - 9 e 11 anos	Graduada em Processos Gerenciais e graduanda em Psicologia	Estagiária de Psicologia
Entrevistada 5	21 anos	1 filho - 3 meses	Graduação de Psicologia em curso	Assistente Jurídica
Entrevistada 6	45 anos	3 filhos - 21; 23 e 25 anos	Graduação de Psicologia em curso	Administração da empresa familiar.
Entrevistada 7	26 anos	1 filho - 3 anos	Graduação de Psicologia em curso	Oficial de apoio a saúde _ funcionária pública
Entrevistada 8	21 anos	1 filho - 2 anos	Graduação em Administração em curso	Auxiliar administrativo
Entrevistada 9	27 anos	2 filhos - 3 e 6 anos	Graduação de Psicologia em curso	Diarista
Entrevistada 10	45 anos	1 filho - 21 anos	Graduada em Letras e graduanda em Direito	Professora
Entrevistada 11	47 anos	4 filhos - 17; 22; 26 e 28 anos	Graduação de Psicologia em curso	Professora da educação infantil
Entrevistada 12	51 anos	2 filhos - 15 e 25 anos	Mestre em Psicologia e especialista em Saúde Mental	Professora de graduação.
Entrevistada 13	29 anos	1 filha - 7 anos	Graduação de Psicologia em curso	Babá
Entrevistada 14	37 anos	1 filha - 4anos	Graduada em Psicologia e pós-graduação em curso TCC	Psicóloga clínica
Entrevistada 15	34 anos	1 filha - 3 anos	Graduada em Psicologia, pós-graduada em Gestão Estratégica de Pessoas e TCC (finalizando a pós-graduação)	Psicóloga clínica e consultora de Recursos Humanos
Entrevistada 16	60 anos	2 filhos - 28 e 33 anos	Graduada em Letras e Psicologia, e pós-graduanda em Psicopedagogia e TCC	Psicóloga clínica e administradora de sua própria empresa
Entrevistada 17	57 anos	1 filho - 28 anos	Graduada em Letras e Psicologia, e pós-graduada em Saúde Mental, Psicanálise e Saúde Mental e Psicopedagogia. E graduanda em Teologia e Pós-graduado em TCC.	Administra sua própria empresa
Entrevistada 18	39 anos	1 filho - 19 anos	Graduada em Psicologia, pós-graduada em Psicologia Médica e pós-graduanda em TCC	Psicóloga clínica
Entrevistada 19	38 anos	2 filhos_3 e 8 anos	Graduada em Psicologia e pós-graduanda em TCC	Psicóloga clínica

Nota. Fonte: dados da pesquisa.

Os dados coletados foram divididos em 4 categorias de análise que serão descritas a seguir. A primeira trata da participação dos companheiros nas atividades do lar e cuidado com os filhos. A segunda categoria destaca o reforço da visão binária de mundo: o espaço da casa ainda como um reduto da mulher. A terceira retrata os sentimentos que estas mulheres vivenciam: cansaço e culpa. Por fim, a quarta categoria traz uma discussão sobre o financeiro como moeda de troca para a divisão das tarefas.

Participação dos companheiros nas atividades do lar e cuidado com os filhos

Em relação a participação do companheiro destas entrevistadas nas atividades do lar, a maioria das mulheres fala de uma atuação mais em relação aos cuidados com os filhos e pouco efetiva nas tarefas domésticas propriamente o que corrobora a literatura. Conforme ressaltam Mota-Santos et al. (2019) e Borsa & Nunes (2011) há uma tendência à responsabilização das mulheres pelo bom andamento do lar e aos homens, cabe uma “ajuda” nos cuidados com os filhos.

Ainda assim, as incumbências com os filhos se referem mais a demonstração de afeto e ao passar tempo junto, brincando ou passeando. Quando se trata de afazeres como dever de casa, banho, atenção com as roupas, dentre outros, a responsabilidade recai sobre elas:

Ele é muito dedicado aos filhos, muito mesmo. É e assim, conforme a jornada de trabalho dele, a tarefa dele é levar e buscar os meninos e a noite ele cuida dos meninos, aí sai pra fazer uma caminhada, leva eles pra andar de bicicleta, nessa parte, a casa não. (Entrevistada 4)

A gente que é mulher fica sempre muito mais conectada, na casa, do que eles, né. Então, por exemplo, eu to ligada se acabou a manteiga, se tem carne pro almoço, né, se o uniforme tá lavado... Mas a gente compartilha, ele me ajuda sim. (Entrevistada 12)

Com os filhos é dividido meio a meio, agora com a casa é uns trinta por cento dele né, as coisas que precisam fazer, às vezes eu to estudando aí algumas coisas ele faz. (Entrevistada 6)

Ao relatarem alguma contribuição na realização das tarefas domésticas por parte deles, percebe-se um certo enaltecimento do proceder deles. As mulheres parecem sentir orgulho de que os maridos exerçam algum tipo de serviço no lar, ainda que seja o tempo que passe com os filhos, e não uma atividade específica da casa. Elas supervalorizam os companheiros que realizam afazeres domésticos como se eles fizessem algo além do que deveriam. Praticamente todas usaram a expressão “ajuda” para falar sobre o envolvimento do parceiro nestas funções:

Oh... é, ele nó, ele me ajuda muito, ele fica muito com nosso filho, tanto que ele estuda à noite, e ele tá fazendo menos matéria pra poder ficar com ele (Entrevistada 5).

Às vezes ele me ajudava a lavar umas vasilhas assim e olhe lá, não mexia muito com essas coisas não, agora tudo que eu vou fazer ele quer ajudar, divide. Nossa ele me ajuda demais. (Entrevistada 1)

Ele dá alimentação, ele dá janta para os meninos, ele dá banho, ajuda com o para-casa, então ele ajuda muito. Ele tá fazendo além do papel dele.... (Entrevistada 9)

Mesmo assim, os relatos destas mulheres mostram que geralmente as atividades que ficam por conta deles são aquelas ligadas às características identificadas como masculinas, funções que exigem força ou mais externas ao lar, como compras, levar o lixo, entre outras. “A casa ele cuida do quintal, ele é ‘bão’ pra

apertar parafuso, se tiver alguma coisa estragada em casa ele arruma tudo. Na cozinha não...” (Entrevistada 4).

O reforço da visão binária de mundo: o espaço da casa ainda como um reduto da mulher

Muitas entrevistadas tentam justificar a pouca participação dos companheiros, seja pelo excesso de trabalho ou até por uma “falta de jeito” com incumbências consideradas tradicionalmente femininas, o que reforça uma visão binária de mundo. Tal tentativa demonstra como a mulher se sente responsável pelos cuidados com o lar e com os filhos (Carvalho et al., 2010; Pereira & Lima, 2017; Perrelli & Tonelli, 2017). Apesar das transformações na família contemporânea, a diferença de papéis para homens e mulheres ainda é uma realidade (Perrelli & Tonelli, 2017). Há de se frisar que as entrevistadas estão envolvidas em uma tripla jornada: trabalho, estudo e cuidados com o lar. Ainda assim, parecem desconsiderar a sobrecarga a qual estão expostas ao preservarem os maridos e assumirem as responsabilidades que consideram pertencer a elas:

Ele participa, principalmente dos cuidados com os filhos né, da casa também faz, mas nem tanto (risos), porque também trabalha né, aí eu relevo isso aí. (Entrevistada 6)

O meu marido, ele não tem habilidade pra isso, tudo dele, eu acho que ele aprendeu a mandar... mas nós conseguimos administrar esse relacionamento nosso com essa divisão de tarefas, entendeu. (Entrevistada 10)

Muito pouco por conta das viagens né. Mas o tempo que ele tem em casa, ele contribui sim, ele me ajuda. (Entrevistada 11).

No entanto, todas declaram que não se veem vivendo de outra forma, o que também foi encontrado na pesquisa de Carvalho et al. (2010). As entrevistadas dizem se sentir realizadas ou em fase de realização e se mostram bem tolerantes em relação aos companheiros, tentando encontrar justificativas para a pouca contribuição deles nas atividades do lar e valorizando bastante o que eles se propõem a fazer.

Não me sinto prejudicada não, mas não tem igualdade, não é, acho que a mulher, ela sofre mais né, porque a gente assume filho, a gente assume casa, a gente assume tudo, né. Nem todas assumem como eu, mas assim a minha vida, assim não me incomoda, não sinto prejudicada não. Ele é muito companheiro, ele me ajuda muito... (Entrevistada 19)

Eu não acredito que essa igualdade seja possível, sabe. Essa igualdade absoluta dos sexos, né, eu acho que eu tenho um marido que é muito companheiro, né, eu não tenho queixas a esse respeito sobre ele... tem uma coisa que é cultural... Mas eu não fico idealizando porque eu acho que isso vai causar um estresse tão grande... sair levantando a bandeira, né, do feminismo... então eu acho que a gente pode arranjar isso de um outro jeito, entendeu, ao invés de ficar aí nessa briga, né, que tem que ser tudo igual, porque definitivamente não é, ele é um homem e eu sou uma mulher. (Entrevistada 12)

Esse último relato mostra que a entrevistada admite a existência de aspectos culturais na divisão do trabalho. Contudo, ela acredita se tratar de uma diferença

biológica, considera que existem atividades masculinas e femininas pré-determinadas de acordo com o órgão sexual de nascimento. Tal pensamento remete à discussão que a literatura traz acerca dos estereótipos de gênero (Bruschini, 2007; Hirt et al., 2017; Pereira & Lima, 2017).

Sentimentos envolvidos: Cansaço e Culpa

Muito embora elas valorizem bastante essa “ajuda” que vem dos companheiros, nota-se nos relatos uma exaustão por causa do desequilíbrio na divisão das tarefas do lar:

Só que o trabalho dele é muito pesado, então é compreensível também que ele tenha um tempo a mais para descansar, porque o trabalho de pedreiro é muito puxado, é muito pesado, mas as vezes eu queria assim que ele me ajudasse mais... Às vezes eu fico muito sobrecarregada porque no fim de semana, por exemplo, ele vai descansar ... eu não tenho esse tempo pra descansar... (Entrevistada 13)

Ele ensina o dever pro M., mas acaba que se eu tiver em casa a obrigação é meio que minha, porque eu sou a mãe, aí tem aquela coisa de maternidade né, dos serviços que são da mulher assim, por exemplo, se ficar nos dois em casa atoa, de folga, aí tem as coisas do M. (filho) pra fazer, dever, tomar banho, por exemplo, geralmente eu é que vou fazer... (Entrevistada 7)

Os companheiros destas mulheres trabalham fora, a maioria, mas não tem outra ocupação como o estudo, por exemplo. O tempo que possuem é maior e geralmente descansam mais, conforme mencionado. Portanto, seria esperado que eles estivessem menos propensos ao estresse e dedicassem mais tempo, paciência e atenção aos filhos. No entanto, o que se observa nos depoimentos, além desta extrema valorização das ações dos companheiros, e que também corrobora os achados na literatura (Almeida & Santos, 2018; Mansour & Tremblay, 2016; Perrelli & Tonelli, 2017; Powell et al., 2018), é um sentimento de culpa por parte destas mulheres, especialmente por não terem tanto tempo para destinar aos filhos:

Ele ajuda quando eu solicito. Com a minha filha ele é ótimo, muito mais paciência pra ficar brincando ali, de deitar no chão, de sentar, fazer castelo pra princesa do que eu... (Entrevistada 15)

Eu queria fazer mais, eu me sinto culpada porque eu gostaria de ficar mais tempo com os meus filhos... porque o tempo que eu to perdendo com eles não vai voltar mais e ele tá passando muito tempo com os meninos, mas que eu também deveria estar participando (Entrevistada 9).

Os depoimentos de uma maneira geral sugerem que as mulheres entrevistadas percebem uma desigualdade na divisão das tarefas domésticas e cuidados com os filhos, sentem-se sobrecarregadas em função da tripla jornada, o que corrobora a literatura em (Berkman et al., 2015; Ferreira et al., 2017; Hatam et al., 2016; Liu et al., 2015; Pinho et al., 2018; Smith et al., 2018; Oliveira et al., 2017;) e acham que os companheiros poderiam “ajudar” mais. Muitas se queixam de cansaço excessivo e relatam dores físicas e emocionais.

Eu estou sempre cansada, queria brincar mais com as crianças, mas chego já com muita dor de cabeça, exausta. Fico muito triste nessas horas. (Entrevistada 9)

Queria praticar alguma atividade, sinto dores pelo corpo, mas não tenho tempo, nunca tenho tempo para nada. (Entrevistada 2)

Estes dados corroboram a literatura que ressalta um desequilíbrio que causa uma sobrecarga de trabalho e conseqüentemente estresse às mulheres (Lima et al, 2013; Pinho et al, 2018; Powell et al, 2018). Se os estudos já podem ser causadores de estresse, conciliar estes com uma vida profissional, maternidade e tarefas domésticas aumenta a carga de responsabilidade sobre as mulheres e, por consequência, elas podem apresentar adoecimentos emocionais e físicos (Berkman et al., 2015; Campos et al., 2016; Ferreira et al., 2017; Hatam et al., 2016; Hirt et al., 2017; Liu et al., 2015; Oliveira et al., 2017; Silva et al., 2017A; Smith et al., 2018).

A entrevistada 8 ressalta que todas as contas da casa estão na sua responsabilidade pelo fato de o marido estar desempregado. Apesar desta situação, ou seja, das atividades da casa estarem mais na responsabilidade do marido, ela evidencia o cansaço diante da rotina e o tempo (nulo) para cuidar de si e do lazer:

O tempo ultimamente ele está meio precário, porque eu trabalho de 8:00 as 18:30, saio de lá, venho pra cá, chego em casa umas 11:15 mais ou menos, de segunda a sexta e esse semestre no sábado eu não tenho aula, então esse semestre eu fico mais tempo com a minha filha. No tempo que eu estou fora minha filha fica com a minha mãe ou com meu marido. Aí domingo, por enquanto eu ta ficando só pro TCC mesmo... Pra cuidar de mim? (risos), praticamente zero. (Entrevistada 8)

Essa entrevistada é uma das duas mulheres negras. A outra entrevistada negra (Entrevistada 9) ressalta que na divisão das tarefas do lar, ela realiza 100% e em relação às tarefas com os filhos, o marido dedica mais tempo, por volta de 70%. Uma questão colocada por ela que reforça a condição da mulher (voltada para o espaço do lar) e do homem (voltado para aspectos do trabalho fora de casa) é quando ela relata que “Ele tá fazendo além do papel dele”. Além disso, ela complementa dizendo o quanto se sente culpada por estar passando menos tempo com os filhos do que o marido, conforme detalhado anteriormente.

Por se tratar de apenas duas mulheres negras, não foi possível verificar através dos dados, de forma mais aprofundada, aspectos importantes que tangenciam a experiência de mulheres domésticas negras, uma vez que apenas uma entrevistada se encontra nessa situação. O que fica evidente neste caso é o quanto elas precisam superar diversos obstáculos para conseguir a formação em um curso superior, possibilidade para poucas mulheres negras e de classe baixa no país.

Desde o início ele (marido) me apoia muito, porque ele acaba sendo pai e mãe ao mesmo tempo. Ele sabe e assume que é uma coisa boa pra mim, boa para os meninos também e até porque ele não quis estudar. Quando eu decidi estudar a gente teve uma conversa, você vai ou eu vou? Ele tem a quarta série, ele nunca gostou de escola, mas ele reconhece as nossas necessidades. Lógico que vão surgir momentos que vai começar a sobrecarregar demais, aí vai começar a reclamar, mas eu não vou parar, nós já conversamos sobre isso. É um peso e agora vai ter que carregar por esses dez períodos. (Entrevistada 9)

Fica evidente no caso delas (Entrevistada 8, negra e que trabalha como auxiliar administrativo; Entrevistada 9, negra e que trabalha como diarista e da entrevistada 13, babá e que o companheiro é pedreiro como o companheiro da entrevistada 9) a não opção de poder contar com um grupo de apoio (familiares) ou terceirizados (babás) para diminuir a sobrecarga de uma rotina de tripla jornada. Diferente da realidade das mulheres entrevistadas 15, 19 que contam com a ajuda de terceirizados para cuidarem da casa e/ou dos filhos. Estes dados corroboram a literatura detalhada neste trabalho.

Eu acho que é uma rotina muito estressante né, embora eu goste muito de trabalhar... e pra quantidade de funções que eu assumo, eu preciso de delegar algumas coisas para as minhas ajudantes, não tem outro jeito, né. É... de certa maneira, o momento que eu estou vivendo agora com relação aos filhos ele é mais tranquilo, porque meus filhos estão grandes né. (Entrevistada 19)

Se a entrevistada ressaltar a vivência de uma rotina estressante, mesmo tendo filhos mais velhos, não necessitando de tantos cuidados como os mais novos, e mesmo contando com suas ajudantes. O que dizer das mulheres que não possuem esse apoio?

O cansaço aparece para todas, mas alguns aspectos de possibilidades para as mulheres de classe média/alta ficam evidentes, como, por exemplo, a possibilidade de momentos para cuidar de si e momentos de lazer. No caso da Entrevistada 3, a atividade física e o estudo de uma outra língua são considerados atividades de lazer, possibilidades não disponíveis para a grande maioria das mulheres de classe baixa. Essas possibilidades relacionadas a momentos de lazer e possibilidade de tempo para cuidar de si também ficou evidente na fala da entrevistada 19, a seguir.

Depois que eu levo meu filho pra escola, aí duas vezes por semana eu vou passar na academia para fazer musculação. A outra hora que eu tenho pra cuidar de mim é entre uma consulta e outra no consultório, quando eu não estou aqui (Faculdade), eu estou no consultório né, aí eu acho um salão perto do meu consultório pra eu poder fazer unha né, mas sempre tem alguma coisa que fica por fazer, então tem uma sobrancelha que não dá pra fazer, tem um cabelo que não dá pra pintar, uma depilação também, porque, é muita coisa, então eu sempre opto assim, fazer unha semanalmente, o resto vai ficando (Entrevistada 19).

O financeiro como moeda de troca para a divisão das tarefas?

Outro ponto importante que reforça os resultados de pesquisas neste campo (Mota-Santos et al., 2019) indica que quando há uma participação financeira maior da mulher, há também um maior equilíbrio na divisão das tarefas domésticas. É como se essa contribuição com as finanças concedesse a mulher um poder de negociação maior em relação ao companheiro:

Olha, a gente divide as despesas, né... Aí as tarefas de casa, ele ajuda muito, ele é muito cooperativo, ele arruma casa quando precisa, passa pano, tira o lixo,

se precisar de lavar banheiro, faz, louça, o que precisar, eu não preciso nem de ficar pedindo né.... (Entrevistada 14)

Elas parecem não só entender esse mecanismo, como também fazem uso dele tanto para um lado, ao participarem mais nas finanças, quanto para o outro, já que quando não têm grande participação nos gastos da casa se sentem ainda mais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos:

Mas no momento eu não tenho ganho financeiro, então nessa questão ele tem o ganho né, então de uma certa forma o poder tá na mão dele. (Entrevistada 4)

Financeiramente, é ele que me sustenta, sustenta a casa, o que eu ganho é muito pouco, acaba que como que é ele que tá mantendo, aí isso gera um pouco assim de desigualdade, que eu acabo sempre cedendo as coisas porque eu não insisto e nem peço ele pra me ajudar na casa, mesmo eu achando que as vezes ele poderia ajudar um pouco mais... (Entrevistada 13)

Por outro lado, há declarações que mostram que, mesmo participando até mais financeiramente que o companheiro, as atividades do lar continuam mais concentradas na mulher. Apesar de elas perceberem esse desequilíbrio, nota-se sempre uma certa tentativa de suavizar esse fato, como se a companhia ou outras “qualidades” deles “compensassem” essa desigualdade na divisão das tarefas domésticas, conforme citado, elas encaram com admiração eles exercerem atividades no lar e dedicarem atenção aos filhos:

Eu estudei mais do que ele, a minha renda é maior, isso também não é problema assim, a gente se dá bem com isso, mas com relação a casa eu me sinto prejudicada, mas eu posso ter uma medida paliativa, eu posso ter alguém. Mas em outras coisas eu me sinto beneficiada. (Entrevistada 15)

Ele tá fazendo além do papel dele....A partir do momento em que eu comecei a trabalhar, sempre ajudei... Quando ele ficou desempregado, aí apertou mais, porque eu tive que fazer papel dos dois, então eu fiz. (Entrevistada 9)

Sobre essa questão financeira, embora algumas mulheres estejam participando com uma renda maior ou até sozinhas nas despesas da casa, a maioria das entrevistadas informou que a contribuição dos companheiros é maior, destacando o fato de receberem menos, mesmo trabalhando mais, o que ainda é um reflexo de uma sociedade patriarcal (Hirt et al, 2017; Pereira & Lima, 2017):

... embora eu trabalhe muito, assim mais horas do que o meu marido, né, ele ganha mais do que eu, eu não teria, por exemplo, condição de manter a minha família, o meu padrão de vida, só com o salário que eu ganho... (Entrevistada 12)

Ele assume mais as despesas porque ele recebe, ganha mais, né... a divisão das tarefas me incomodava quando eu não tinha uma faxineira, quando eu não tinha ninguém pra poder me ajudar, porque ele organiza, mas a questão da limpeza, a questão dessas coisas, ele não fazia, ele não faz, então, isso me incomodava... (Entrevistada 19)

A todo momento parecem estar presentes reflexos dessa cultura da dominação masculina, de se ter o homem como o provedor, o chefe do lar (Hirt et al, 2017; Pereira & Lima, 2017). A entrevistada 5, por exemplo, arca com todas as despesas da casa, o marido está desempregado, mas é o companheiro quem controla e administra o dinheiro que ela recebe:

As contas pra pagar ele que administra, assim quando eu recebo... a gente até conversa mais sobre isso, mas é ele que fica com o meu cartão, é ele que paga, se tem que fazer compra é ele que faz, ele que toma parte disso. (Entrevistada 5)

Embora a participação financeira se apresente como um meio de negociação para uma maior atuação dos companheiros nas atividades do lar, o que corrobora também à literatura, em alguns casos a mulher aparenta sentir a pressão de ter que arcar com as despesas junto ao marido:

Às vezes eu gostaria que ele tivesse uma rentabilidade maior pra eu me cobrar menos em relação a ter que trabalhar o tanto que eu trabalho... eu acredito que estamos ganhando a mesma coisa... (Entrevistada 14)

As despesas financeiras são minhas, fica mais na minha responsabilidade porque eu casei com ele, os meus filhos já estavam crescidos, então assim, eu acho que eu não construí isso também muito bem, porque eu sempre quis ter minha independência, então, acaba que... isso, as responsabilidades financeiras, acaba que fica pra mim. (Entrevistada 11)

Das 19 mulheres entrevistadas, apenas duas não consideraram dedicar mais tempo ao lar que os companheiros. Uma delas por acreditar que o marido é “diferente” dos outros homens, “*um companheiro difícil de se encontrar por facilitar a sua vida e não ficar cobrando muito*” (Entrevistada 17) e a outra que atribui ao desemprego do marido o fato de haver uma maior concentração de atividades da casa para ele:

Quando ele tava trabalhando, ele trabalhava de 8:00 as 17:00, então, umas quatro cinco horas por dia ele dedica a casa e a filha. Atualmente ele participa mais do que eu, ele pega e dá comida, dá banho, põe pra dormir e faz tudo (risos). (Entrevistada 8)

A pesquisa em relação à questão financeira avança quando se compara à literatura ao trazer especificidades relacionadas ao quanto uma condição de retorno financeiro através do trabalho pode propiciar uma possibilidade de negociação e uma possível busca de equilíbrio na divisão das tarefas domésticas.

Conclusões

O objetivo da pesquisa foi compreender a atual situação da mulher: casada, mãe, estudante e profissional em relação aos aspectos pessoais e profissionais; e como se dá a divisão de tarefas do lar e cuidados com os filhos em relação ao companheiro.

Observou-se que há diferenças relacionadas à classe e raça, apontando para aspectos estruturais de desigualdade no país. Por exemplo, a única mulher

entrevistada cuja profissão é doméstica é negra. Além disso, as mulheres em melhor situação financeira conseguem terceirizar os cuidados com o lar e com os filhos, contando justamente com o trabalho de doméstica e babá de mulheres de classes inferiores para se dedicarem à carreira.

Em relação aos companheiros das entrevistadas, a maioria realiza atividades relacionadas aos cuidados com os filhos ou mais voltadas a práticas masculinas, como consertos, obras, etc. Porém, esses cuidados com os filhos se referem geralmente a atividades que envolvem lazer. Tarefas como dever de casa, higiene, roupas, continuam postas como responsabilidade da mulher. Mesmo assim, diante dessa atenção paterna estando mais voltada ao lazer e havendo, efetivamente, pouca contribuição dos companheiros nas atividades do lar, as entrevistadas se referem a essas práticas como uma “ajuda” que recebem, evidenciando o quanto consideram serem de fato as grandes responsáveis pelas tarefas do lar e pelos cuidados com os filhos. Mais do que isso, o estudo avança quando comparado a literatura uma vez que em muitos relatos foi possível perceber uma supervalorização dessa ajuda, um engrandecimento mesmo do companheiro que realiza quaisquer dessas atividades, ainda que ele tenha menos sobrecarga de trabalho dentro e fora de casa, haja vista que as entrevistadas estão expostas à tripla jornada de trabalho.

A maioria relatou apresentar sintomas de estresse como cansaço excessivo, dores de cabeça, pelo corpo, tristeza, entre outros. Porém, declararam se sentirem realizadas, o que sugere a aceitação delas em relação às desigualdades as quais estão expostas.

Observou-se também que quando há uma contribuição financeira maior da mulher, ela acaba conseguindo negociar mais a participação do companheiro nas atividades do lar. Todavia, a maioria das mulheres entrevistadas tem renda menor do que a dos companheiros, e mesmo nos lares em que a mulher arque com a maior parte das despesas ou com todas elas, o companheiro é quem administra o dinheiro e as contas.

Embora a maioria das entrevistadas tentasse justificar de alguma forma a desigualdade na divisão das tarefas do lar, foi possível identificar nas falas o sentimento de culpa pelo pouco tempo dedicado aos filhos e também estresse ocasionado pela sobrecarga de trabalho, o que também é abordado pela literatura sobre o tema. Ainda assim, a maioria se declarou feliz com a vida que possui e esperançosa em relação ao futuro, parecem considerar que é uma fase originada pelo período de estudo.

As contribuições desta pesquisa estão em avançar na discussão relacionada à tripla jornada de trabalho trazendo detalhes relacionados à esta divisão a partir de uma análise qualitativa. Além disso, é possível dizer que este estudo traz contribuições e avanços para área da Administração na medida que relaciona a terminologia tripla jornada e gênero. Sendo assim, foi possível observar que a relação da mulher com o trabalho e o lar ainda é marcada por questões culturais relacionadas ao gênero e reforçadas por elas mesmas, que se sentem mais responsáveis pelos cuidados com os filhos e pelas tarefas domésticas que os companheiros e relativizam, e até enaltecem, qualquer participação deles nestas atividades.

Referências

- Almeida, V. C., & Santos, C. M. M. (2018). Labor, Career and Maternity: Perspectives and Dilemmas of Contemporary Professionals Women/Trabalho, Carreira e Maternidade: Perspectivas e Dilemas de Mulheres Profissionais Contemporaneas. *Administração: Ensino e Pesquisa – RAEP*, 19(3).
- Amaral, G. A., & Vieira, A. (2009, setembro). A mulher e a tripla jornada de trabalho: a arte de ser Beija-Flor. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração*. São Paulo, SP, Brasil, 33.
- Badinter, E. (2011). *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Bardin, L. (2002). Organização da análise. In: *Análise do Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 1-9.
- Bastos, R. A. S. M., & Oliveira, A. M. (2017). O filme “Maria, filha de seu filho” (2000) e suas duas Marias: a presentificação mariana no espaço midiático e o imaginário social feminino. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, 6(1), 81-90. <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2017v6n1p81-90>
- Berkman, L. F., Liu, S. Y., Hammer, L., Moen, P., Klein, L. C., Kelly, E., Fay, M., Davis, K., Durham, M., Karuntzos, G., & Buxton, O. M. (2015). Work–family conflict, cardiometabolic risk, and sleep duration in nursing employees. *Journal of Occupational Health Psychology*, 20(4), 420–433. <https://doi.org/10.1037/a0039143>.
- Borsa, J.C., & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*. 29(64), 31-39.
- Bronstein, P. (1988). Marital and parenting roles in transition: An overview. In P. Bronstein, & C. P. Cowan, (Eds.), *Fatherhood Today: Men’s Changing Role in the Family* (pp. 03-09). New York: John Wiley & Sons.
- Bruschini, M. C.A. (2007). Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 537-572. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300003>
- Bruschini, C., & Lombardi, M. R. (2000). A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*, 110, 67-104.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R., H. & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development* 71(1), 127-136. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00126>

- Câmara, R. H. (2013) Análise do Conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas as organizações. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 179-191.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 171-188 <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>
- Campos, E. A. R., Kuhl, M. R., Andrade, S. M., & Stefano, S. R. (2016). Análise dos níveis de estresse em formandos de administração e ciências contábeis de uma universidade pública. *Revista Gestão & Conexões*, 5(1), 121-140. <https://doi.org/10.13071/regec.2317-5087.2014.5.1.12066.121-140>.
- Carvalho Neto, A. M., Tanure, B., & Andrade, J. (2010). Executivas: Carreira, Maternidade, Amores e Preconceitos. *RAE eletrônica*, 9(1). <https://doi.org/10.1590/S1676-56482010000100004>
- Duarte, R. (2002). Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, (115), 139-154. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>
- Feiring, C. & Lewis, M. (1978). The child as a member of the family system. *Behavioral Science*, 23(3), 225-233. <https://doi.org/10.1002/bs.3830230311>
- Ferreira, L., Silva, A., Silva, D., & Sousa, T. (2017). Mulheres em cargos de gerência e os desafios em conciliar vidas pessoal e profissional: um estudo em hotéis de São Luís-MA, Brasil. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1(27-28), 2279-2289. <https://doi.org/10.34624/rtd.v1i27/28.10583>
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. (3ª ed.) Porto Alegre: Artmed.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1):17-27.
- Freitas, W. M. F., Coelho, E. A. C., & Silva, A. T. M. C. (2007). Sentir-se pai: A vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(1), 137-145. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000100015>
- Gabriel, M. R., Polli, R. G., Dall’Agnol, L. F., Tudge, J., & Piccinini, C. A. (2017). Envolvimento Paterno aos 24 meses de Vida da Criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33410>
- Godoi, C. K., & Mattos, P. L. C. L. (2006). Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In A. B., Silva, A. S. Godoy, & I. Blikstein (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. (2ª ed., Parte 3, Cap. 10, pp. 301-323), São Paulo: Saraiva.

- Grossi, M. P. (2007). O pai não está desaparecendo: o que temos é uma transformação e papéis (Entrevista “Ainda precisamos de Pai? Da paternidade para a parentalidade”). *IHU Online- Revista do Instituto Humanistas Unisinos*, 230, 4-7. Recuperado em 26, junho, 2021, de <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1182-miriam-pillar-grossi>.
- Hall, J. C., Everelt, J. E. & Hamilton-Mason, J. (2012). Black women talk about workplace stress and how they cope. *Journal of Black Studies*, 43(2): 207-226. <https://doi.org/10.1177/0021934711413272>
- Halpern, D. F., & Cheung, F. M. (2010) *Mulheres no topo: como mulheres bem-sucedidas conciliam trabalho e família*. Rio de Janeiro: Habacuc.
- Hatam, N., Jalali, M. T., Askarian, M., & Kharazmi, E. (2016). Relationship between Family-Work and Work-Family Conflict with Organizational Commitment and Desertion Intention among Nurses and Paramedical Staff at Hospitals. *International journal of community based nursing and midwifery*, 4(2), 107–118.
- Hirata, H., Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Caderno de Pesquisa*, 37(132), 595-609. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>
- Hirt, M. C., Costa, M. C., Arboit, J., Leite, M. T., Hesler, L. Z., & Silva, E. B. (2017). Social representations of violence against women for a group of rural elderly. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 38(4). <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.04.68209>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IpreencherBGE (2019). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua)*. Recuperado em 26 de junho, 2021, de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>
- Laqueur, T. (1989). Amor veneris vel dulcedo appeletur. In: Feher, M., Nadeff, R., & Tazzi, N. (Eds.) *Zone 5: Fragments for a History of the Human Body* (Part 3, pp.91-131). Zone Books: New York.
- Lima, G. S., de Carvalho Neto, A. M., Lima, M. S., Tanure, B., & Versiani, F. (2013). O teto de vidro das executivas brasileiras. *Revista Pretexto*, 14(4), 65-80.
- Liu, Y., Wang, M., Chang, C. H., Shi, J., Zhou, L., & Shao, R. (2015). Work–family conflict, emotional exhaustion, and displaced aggression toward others: The moderating roles of workplace interpersonal conflict and perceived managerial family support. *Journal of Applied Psychology*, 100(3), 793–808. <https://doi.org/10.1037/a0038387>
- Mansour, S., & Tremblay, D. G. (2016). Work–family conflict/family–work conflict, job stress, burnout and intention to leave in the hotel industry in Quebec (Canada): moderating role of need for family friendly practices as “resource

- passageways". *The International Journal of Human Resource Management*, 29(16), 1-33. <https://doi.org/10.1080/09585192.2016.1239216>
- Moore, D. P., & Buttner, E. H. (1997). *Women entrepreneurs: moving beyond the glass ceiling*. EUA: Sage Publications.
- Mota-Santos, C., Neto, A. C., Oliveira, P., & Andrade, J. (2019). Enforcing the social contribution of gender: the qualified female public servant versus the female executive. *Revista de Administração Pública*, 53(1), 101-123. <https://doi.org/10.1590/0034-761220170156>
- Oliveira, T. L., Pôrto, E. F., Kümpel, C., Campelo, M., Pucci, S. C., Leite, J. R. O., & Almeida, S. C de (2017). Associação entre jornadas de trabalho e estilo de vida. *Life Style*, 4(2), 55-71. <https://doi.org/10.19141/2237-3756.lifestyle.v4.n2.p55-71>
- Pereira, A. M. L., & Lima, L. D. D. S. C. (2017). A desvalorização da mulher no mercado de trabalho. *Revista Eletrônica Organizações e Sociedade*, 6(5), 133-148.
- Perrelli, M. T., & Tonelli, M. J. F. (2017). Mulheres do petróleo: sentidos atribuídos por homens e mulheres a tarefas tradicionalmente consideradas masculinas. *Psicologia Argumento*, 24(46), 31-38.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: Paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*, 19(2), 57-69. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652007000200005>
- Pinheiro, L., Lira, F., Rezende, M., & Fontoura, N. (2019). *Os Desafios do Passado no Trabalho Doméstico do Século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD Contínua*. (Coleção Texto para Discussão, 2528ª ed.) Brasília/Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [Ipea].
- Pinho, M. J. S., Ferreira, C. S. B., & Pina, T. (2018). As influências de gênero nas condições de trabalho e saúde docente. *Revista Gênero*, 18(1), 200-211. <https://doi.org/10.22409/rg.v18i1.1043>
- Pirrolas, O. A. C. & Correia, P. M. A. R. (2020). Profissão, família e educação – conciliação da tripla jornada: uma questão de políticas e práticas organizacionais ou uma questão de sexo? *Revista da FAE*, 23(1), 7-22.
- Poster, M. (1979). Modelos de estrutura da família. *Teoria Crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Powell, G. N., Greenhaus, J. H., Jaskiewicz, P., Combs, J. G., Balkin, D. B., & Shanine, K. K. (2018). Family science and the work-family interface: An interview with Gary Powell and Jeffrey Greenhaus. *Human Resource Management Review*, 28(1), 98-102. <https://doi.org/10.1016/j.hrmr.2017.05.009>
- Resende, D. K. (2017). Maternidade: uma construção histórica e social. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 2(4), 175-191.
- Richards, J. (1993). *Sexo, desvio e danação, as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Rocha-Coutinho, M. L. (2005). Variações sobre um antigo tema: A maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: Efeitos da contemporaneidade*. (pp. 122-137). Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio.
- Santos, C. M. M. (2012). *As mulheres brasileiras: Do Espaço Privado da Casa para as Posições Executivas nas Organizações Brasileiras*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Silva, A. H. & Fossá, M. I. T. (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica de análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, 16(1), 1-14. <http://dx.doi.org/10.18391/qualitas.v16i1.2113>
- Silva, A. F., Maia, M. F. M., Lima, C. A. G., Guedes, I. T., Pedreira, K. C., Silva, D. A. S., & Petroski, E. L. (2017A). Fatores que prevalecem ao esgotamento profissional em professores. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 25(2). <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0822>
- Silva, M. D. R., Gabriel, M. R., Cherer, E. D. Q., & Piccinini, C. A. (2017B). Os conceitos de envolvimento e experiência nos estudos sobre paternidade. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 69(3), 116-132.
- Smith, T. D., Hughes, K., DeJoy, D. M., & Dyal, M. A. (2018). Assessment of relationships between work stress, work-family conflict, burnout and firefighter safety behavior outcomes. *Safety Science*, 103, 287-292. <https://doi.org/10.1016/j.ssci.2017.12.005>
- Verdi, M. S. (2007). Os papéis de pai e mãe são muito relevantes (Entrevista Ainda precisamos de pai? Da paternidade para parentalidade). IHU Online- Revista do Instituto Humanistas Unisinos, 230, 12-15. Recuperado em 26 de junho, 2021, de <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1185-marcelo-spalding-verdi>
- Vieira, A. & Amaral, G. A. (2013). A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher. *Saúde e Sociedade*, 22(2), 403-414. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902013000200012>
- Vinuto, J. (2016). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>
- Yavorsky, J. E., Dush, C. M. K., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2015). The production of inequality: The gender division of labor across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and Family*, 77(3), 662-679. <https://doi.org/10.1111/jomf.12189>